

210



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO - PROESP

NÚBIA REGINA MAIA MOREIRA
ROSANETE ANDRADE DE OLIVEIRA
SANDRA REGINA SANTANA DE OLIVEIRA REIS

ALCOOLISMO RELACIONADO À CULTURA DA CIDADE DE SAÚDE

JACOBINA

2007

**NÚBIA REGINA MAIA MOREIRA
ROSANETE ANDRADE DE OLIVEIRA
SANDRA REGINA SANTANA OLIVEIRA REIS**

ALCOOLISMO RELACIONADO À CULTURA DA CIDADE DE SAÚDE

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, pelo Programa de Formação de Professores do Estado da Bahia - PROESP, como exigência parcial do curso de licenciatura em Letras Vernáculas.

Orientador: Professor. Mestre Adriano Antônio Lima Meneses.



**Jacobina
2007**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO – PROESP

NÚBIA REGINA MAIA MOREIRA
ROSANETE ANDRADE DE OLIVEIRA
SANDRA REGINA SANTANA OLIVEIRA REIS

ALCOOLISMO RELACIONADO À CULTURA DA CIDADE DE SAÚDE

Monografia de conclusão do curso de
Licenciatura em Letras Vernáculas.

Jacobina, Bahia, 03 de maio de 2007.

Banca Examinadora

Professor Ms. Adriano Lima Menezes

Professor Ms. Antônio Muniz S. Filho

Professor Ms. Ana Lúcia Gomes

AGRADECIMENTOS

Somos gratas ao nosso amado Deus, que com Sua Luz nos guiou durante todo o percurso desta nossa caminhada, dando-nos força para vencermos os obstáculos e não permitindo jamais que pensássemos em desistir por maior que parecesse ser a dificuldade. Nossa eterna gratidão!

Às nossas famílias que muitas vezes precisaram da nossa presença e não puderam tê-la por conta das inúmeras atividades que precisávamos executar. À elas que, durante todo este período de estudo, deixaram de realizar seus projetos e sonhos para que pudéssemos realizar os nossos. Um grandioso muito obrigado!

Ao nosso orientador, professor Adriano Menezes, graças à sua disponibilidade, profissionalismo, atenção, sempre aberto, para nos ajudar a qualquer momento. Mesmo quando não tínhamos agendado nenhum encontro, ele se fez presente; questionando, colocando-se à nossa disposição. Obrigado pela paciência, o incentivo e as sugestões que tanto nos ajudaram na confecção deste trabalho.

À todos os professores que trabalharam conosco, contribuindo para nossa formação acadêmica, nos incentivando quando queríamos desanimar por causa das muitas dificuldades enfrentadas. Um sorriso amigo e saudoso!

À nossa coordenadora, professora Maria Celeste, que jamais mediu esforço para nos atender nas mais variadas situações, sempre carinhosa e atenta aos nossos apelos. À você, amiga, nosso muito obrigado!

Enfim, um obrigado especial para todos os colegas que concluíram conosco esta jornada tão importante para nós. À vocês um abraço caloroso!

“Só haverá verdadeira transformação social, quando mulheres e homens de mãos dadas, souberem lutar pela mudança de suas mentalidades”

Horst Heinen

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O QUE É CULTURA	11
2. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM HUMANA	13
3. IDENTIDADE CULTURAL	15
3.1 Os Elementos da Cultura	16
3.2 Relativismo Cultural	17
4. A CULTURA ELACIONADA COM O ALCOOLISMO	19
5. DETERMINAÇÃO SÓCIO CULTURAL	21
6. ALCOOLISMO	23
6.1 Mecanismos de Defesa	24
7. HISTÓRICO DA CIDADE DE SAÚDE	27
8. A INSERÇÃO DO ÁLCOOL NA CULTURA DA CIDADE DE SAÚDE	34
9. RELATÓRIO ADQUIRIDO JUNTO À SECRETARIA MUL. SAÚDE	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

RESUMO

Este trabalho apresenta pesquisa realizada na cidade de Saúde, sobre o alcoolismo ligado à sua cultura. Ele mostra parcialmente as festas tradicionais do município, tais como São João e Festa da Padroeira; através do resgate da história de Saúde. Além disso, discute o que é alcoolismo. A presente pesquisa se propôs a investigar o que leva as pessoas a enveredarem por esse fácil e trágico caminho. Para a execução da pesquisa foram utilizados questionários e entrevistados vinte e cinco pessoas dentre elas usuários, ex-usuários, suas respectivas famílias e, donos de bares. Os resultados mostraram que o consumo do álcool por parte de alguns membros da comunidade começou muito cedo, por se tratar de uma droga de fácil acesso, outros iniciaram a beber no ambiente familiar por influência dos pais e até mesmo de amigos.

Palavras-chave: Alcoolismo; cultura; linguagem; família.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de chamar a atenção das autoridades locais para uma questão que é preocupante na cidade de Saúde – o alcoolismo que vem atingindo jovens e adultos da nossa comunidade, é que nos propomos a fazer o presente trabalho. Na cidade de Saúde temos várias pessoas talentosas inclusive jovens. E nós como educadoras ficamos preocupadas por demais com esses jovens que apesar de serem dotados de talentos tanto para a música, a arte cênica, artes plásticas, poesia e a literatura, dentre outros, são envolvidos pelo álcool e acabam dando um rumo diferente para suas vidas, passando a viver a margem da sociedade. Por que isso acontece? De acordo com a pesquisa realizada na comunidade vimos que a falta de lazer, de emprego, a desvalorização da pessoa e a falta de incentivo para realização dos seus sonhos levam o indivíduo a buscar soluções para seu desencanto, geralmente no álcool.

Nesta pesquisa foi utilizado um questionário mediante consentimento prévio dos entrevistados. O roteiro da entrevista focalizou os seguintes temas: usuários de bebida alcoólica, ex-usuários, famílias dos usuários, dos ex-usuários e donos de bares. No primeiro questionário, as perguntas tiveram como objetivo principal delinear os motivos, as causas e influências que levaram e ainda levam o sujeito a utilizar bebida alcoólica, como também conhecer suas perspectivas futuras.

As culturas são constituídas por meio de costumes, comportamentos e normas de uma comunidade que constitui uma sociedade de forma organizada para determinado fim, manifestado por um grupo social.

Pudemos perceber que o alcoolismo faz parte do município de Saúde, em virtude dos engenhos que produziam álcool ao longo do tempo e foram se desenvolvendo em algumas comunidades de samba de roda, forró pé de serra, novenas, festas populares, até hoje comemoradas com licores, cerveja, a tradicional “pinga”, dentre outras.

Até o século XVII, criava-se gado nas pastagens que ficavam juntas aos canaviais e engenhos. A expansão e o crescimento do rebanho ameaçavam a destruição dos canaviais. [...] (PEREIRA, 2004 p.25)

No trabalho de campo nos deparamos com fatos inusitados como, por exemplo, o engenho do São Sebastião, que se fosse hoje caracterizaria um remanescente de quilombo, onde muitos de seus moradores já não estão entre nós, uns morreram pela velhice, outros pela cirrose hepática causada pelo uso do álcool. Outros moradores da época já não residem mais nesse espaço pelo abandono do ofício da fabricação da rapadura, do melaço e da cachaça.

A mão de obra escrava facilitou a expansão da lavoura e da pecuária. As lavouras de milho, feijão e de outras culturas se expandiram em grandes proporções. Engenhos, casas para fazer farinha e também olarias se contavam em muitas propriedades agrícolas. (PEREIRA, 2004, p.33)

Hoje, netos e bisnetos destas comunidades moram ou trabalham em outras cidades e estados, levando consigo as marcas culturais dos seus antepassados. Sendo assim, dá-nos a entender as frustrações vividas por estes familiares. Tendo como foco o assunto em pauta, pode-se deduzir que o alcoolismo é um benefício para o produtor, mas para os consumidores uma desolação, e, para os entes queridos dos que se foram por causa do alcoolismo, uma eterna tristeza revivida em todo momento quando estes vêem uma pessoa alcoolizada.

O objetivo deste trabalho é tentar chamar a atenção da comunidade da cidade de Saúde sobre os riscos acerca do consumo excessivo de álcool, consumo este que tem levado muitas pessoas à morte.

No decorrer das entrevistas notamos que alguns entrevistados têm consciência do prejuízo que a bebida lhes causa por conta das campanhas em escolas, nos meios de comunicação, como é o caso do Ministério da Saúde, que vem

sempre advertindo para o uso excessivo de bebida alcoólica “Beba com moderação”, mas são categóricos ao afirmar que possui absoluto controle sobre ela.

Diante dos inúmeros problemas de cunho social e cultural que permeiam toda a sociedade saudense, tornou-se imprescindível que fizéssemos um trabalho voltado para as causas do consumo exagerado do álcool e suas possíveis conseqüências. Para tanto, foram consultados os livros escritos pelos autores nativos, *Memórias na Varanda e Saúde Integral*, visitados os espaços culturais, órgãos públicos e “coletados” depoimentos de usuários de álcool, ex-usuários, suas respectivas famílias, donos de bares e trabalhadores da área.

1. O QUE É CULTURA?

Segundo BURKE (2005) o termo “cultura” é ainda mais problemático que o termo “popular” como observou Birckhardt em 1882, história cultural é um “conceito vago”. Em geral, é usado para se referir à “alta” cultura. Foi estendido “para baixo”, continuando a metáfora, de modo a incluir a “baixa” cultura, ou cultura popular. Mais recentemente também ampliou para os lados. O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar...).

Edward Tylor apud (COTRIM,1993) apresentou uma definição de cultura “tomada em seu sentido etnográfico amplo”, como o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. A preocupação antropológica com o cotidiano e com a sociedade em que há relativamente pouca divisão de trabalho encorajou o emprego do termo “cultura” em um sentido amplo.”

A capacidade de criar cultura se deu a partir do momento em que o homem começou a pensar e falar. Aprenderam a comunicar experiências a si mesmo e aos outros através dessas representações simbólicas que chamamos “conceitos” ou pensamentos expressos por gestos, palavras e arte.

Como resultado da evolução biológica, a humanidade conseguiu a capacidade de produzir cultura em grande escala e, por sua vez, de tornar-se o produto de suas culturas, conforme Frost, e Hoebel em *A Antropologia Cultural e Social*.(1996). Ao selecionar seus costumes para a vida diária, mesmo nas pequenas coisas, a sociedade escolhe aquelas maneiras que estão de acordo com seu modo de pensar e suas predileções. Então, a cultura será um todo harmonioso e produtivo. Cada cultura exemplifica um padrão, mais ou menos completo, coerente e cada uma delas representa uma relação limitada de padrões de comportamento do total das potencialidades humanas, individuais e coletivas (p.20).*

O professor Robert Braidwood, da Universidade de Chicago, procurou caracterizar no seguinte texto os principais elementos que definem a cultura:

A cultura é duradoura embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam, no entanto, a cultura também se modifica conforme mudam as normas e entendimentos. Quase se pode dizer que a cultura vive nas mentes das pessoas que a possuem, mas as pessoas não nascem com ela; adquirem-na à medida que crescem. Suponho que um bebê húngaro recém-nascido seja adotado nos Estados Unidos e que nunca digam a essa criança que ela é húngara. Ela crescerá tão alheia a cultura quanto qualquer outro americano, (apud COTRIM, 1993 p. 16-17).

A cultura compreende todas as elaborações resultantes das capacidades adquiridas pelo homem como integrante da sociedade, pois a cultura, não decorre da herança biológica do homem, mas de capacidades por ele desenvolvidas através do convívio social. É próprio da condição social do homem que ele não apenas se preocupe com a satisfação de suas necessidades, mas também com as formas estabelecidas como corretas na cultura da sua sociedade para satisfazê-las, pois a cultura é inevitavelmente normativa.

2. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM HUMANA

De todos os elementos que caracterizam a cultura talvez o mais importante seja a linguagem. De fato, a linguagem é um dos traços mais característicos da humanidade, constitui “o mais belo espetáculo já encenado pelo homem”, como afirmou o lingüista alemão Benjamim Whorf. (apud COTRIM 1993 p.16-17). Mas, afinal, no que consiste a linguagem? É a capacidade que permite aos homens comunicarem-se uns com os outros por meio de um código. O principal exemplo da linguagem humana são as línguas naturais como o português, o inglês, o espanhol e o alemão, etc.

O filósofo alemão Martim Heidgger (apud. COTRIM 1889-1976 p.17) dizia que a língua é o solo comum da cultura de um povo. Isso porque a língua é tipicamente um fato cultural e representa um dos mais fortes laços entre os membros de uma comunidade. É o instrumento pelo qual o indivíduo assimila a cultura do grupo a que pertence.

“Quando falo de cultura, estou pensando em algo que perdurou através do tempo. Se qualquer egípcio morresse, mesmo que fosse o faraó, isso não afetaria a cultura egípcia daquele momento determinado”. (apud COTRIM 1993 p.16-17).

A maioria dos estudiosos concorda com os elementos apontados por Braidwood e afirma que toda cultura:

- É adquirida pela aprendizagem, e não herdada pelos instintos;
- É transmitida de geração em geração, através da linguagem;
- É criação exclusiva dos seres humanos, sendo, portanto, um traço distintivo da humanidade;
- Inclui todas as criações materiais e não-materiais dos homens;
- Apresenta estruturas duradouras, mas que também sofrem evolução através da história;
- É um instrumento indispensável à adaptação do indivíduo ao meio social, tornando possível a expressão das potencialidades humanas.

Pela linguagem, por exemplo, os pais comunicam aos filhos não apenas suas experiências pessoais, mas algo muito mais significativo: as experiências acumuladas pelo conjunto da coletividade.

Por outro lado, conhecimento individual de cada pessoa também torna-se, através da linguagem, patrimônio social. Assim, as sucessivas gerações de seres humanos não precisam reinventar todas as soluções já desenvolvidas pelos antepassados. Cada nova geração pode herdar as contribuições da geração anterior ficando com um tempo disponível para efetuar suas próprias conquistas e propor novos problemas.

3. IDENTIDADE CULTURAL

Identidade cultural é o sentimento de identidade de um grupo ou cultura, ou de um indivíduo, na medida em que ele é influenciado pela sua pertença a um grupo ou cultura. Identidade: igualdade completa, reconhecimento. Cultural: adjetivo de cultura, instrução, saber. O saber se reconhecer. Todos nós já nascemos com uma identidade própria, a identidade de gênero, ou seja, masculino e feminino, que possui uma característica própria e incontestada.

Um exemplo da consistência dessa identidade é o fato de que quando vemos uma gestante logo surge a pergunta é menino ou menina? O fato é que biologicamente a criança nascerá com uma dessas identidades (masculina ou feminina).

Já as demais identidades (cultural, religiosa, etc), as chamadas identidades subjetivas, são totalmente flexíveis, pois podem ser facilmente influenciadas.

Na identidade cultural isso não é muito diferente, isto é, a influência do meio modifica totalmente um ser já que nosso mundo é repleto de inovações e características temporais, os chamados "modismos".

Uma pessoa que nasce em um lugar absorve todas as características deste, porém se ela for submetida a uma cultura diferente por muito tempo ela adquirirá características do local onde está agregada.

No passado as identidades eram mais "conservadas" devido à falta de contato entre culturas diferentes; porém com a globalização isso mudou, fazendo com que as pessoas interagissem mais entre si e com o mundo ao seu redor.

O importante é que devemos respeitar todos os tipos de identidades (subjetivas), para que não haja conflitos e desavenças entre os povos, pois essas são apenas estereótipos que se modificam com o decorrer do tempo.

Cada povo tem uma cultura própria. Cada sociedade elabora sua própria cultura e recebe a influência de outras culturas. Todas as sociedades, desde as mais simples até as mais complexas, possuem cultura. Não há sociedade sem cultura, do mesmo modo que não existe ser humano destituído de cultura.

A cultura é um estilo de vida próprio, um modo de vida particular, que todas as sociedades possuem e que caracteriza cada uma delas. Assim, os indivíduos que compartilham a mesma cultura apresentam o que se chama de identidade cultural.

Para o teórico Milton Santos o conhecimento e o saber se renovam do choque de culturas, sendo a produção de novos conhecimentos e técnicas produto direto da interposição de culturas diferenciadas com o somatório daquilo que anteriormente existia. (Freitas, 2005)

Cada geração passa por um processo de aprendizagem, no qual assimila a cultura de seu tempo e se torna apta a enriquecer o patrimônio cultural da gerações futuras. É na capacidade que têm os grupos de perpetuar a cultura que reside a possibilidade de progresso. Todo progresso é resultante de uma síntese de elementos novos com elementos já adquiridos. Uma cultura não pode sofrer quebra de continuidade entre uma e outra geração, por mais viva e inventiva que seja a cultura, as gerações não rompem inteiramente com o seu passado.

3.1 Os Elementos da Cultura

A cultura é um todo, um sistema, um conjunto de elementos ligados estreitamente uns aos outros. Para efeitos de estudo, vamos desmembrá-la em suas partes, seus elementos. Os principais elementos de uma cultura são: os traços culturais, o complexo cultural, a área cultural, o padrão cultural.

Uma idéia, uma crença, representa traços culturais. Um carro, um lápis, uma capa, uma pulseira, um computador, também são exemplos de traços culturais.

Os traços culturais são os elementos mais simples da cultura. Eles são as unidades de uma cultura. É necessário ressaltar que os traços culturais só têm significado quando considerados dentro de uma cultura específica. Um colar pode ser um simples adorno para determinado grupo e para outro ter um significado mágico ou religioso. A combinação dos traços culturais em torno de uma atividade básica forma um complexo cultural. Por exemplo, o carnaval no Brasil é um complexo cultural que

reúne um grupo de traços culturais relacionados uns com os outros: carros alegóricos, músicas, danças, instrumentos musicais, desfile.

A região em que predominam complexos culturais forma uma área cultural. Esta é, portanto, a área geográfica por onde se distribui certa cultura. Assim, os grupos humanos localizados em determinada área cultural apresentam grandes semelhanças quanto aos traços e complexos culturais.

Padrão cultural é uma norma de comportamento estabelecida pela sociedade. Os indivíduos normalmente agem de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade em que vivem. Quando os membros de uma sociedade agem de uma mesma forma estão expressando os padrões culturais do grupo. No Brasil, por exemplo, o casamento monogâmico é um padrão da nossa cultura, conforme Pêrsio Santo de Oliveira, em *Introdução à Sociologia*. (2002).

3.2 Relativismo Cultural

Considerando a extrema diversidade cultural da humanidade, pode-se compreender cada grupo humano; seus valores definidos, suas exclusivas normas de conduta e suas próprias reações psicológicas aos fenômenos do cotidiano, e também suas convenções relativas ao bem e mal, do moral e imoral, ao belo e feio, ao certo e errado, ao justo e injusto. A relatividade cultural ensina que uma cultura deve ser compreendida e avaliada dentro de seus próprios moldes e padrões, mesmo que estes pareçam estranhos e exóticos. Os grupos humanos têm direito de possuir e fazer desenvolver a própria cultura sem interferências externas (Direito e autonomia tribal). Ex: Aborígenes que ainda não foram atingidos pela civilização. As formas de pensar e agir de grupos diferentes deve merecer o maior respeito possível e por isso seria injusto a introdução deliberada de mudanças no interior dessas culturas (valores culturais). Os costumes que diferem muito dos da sociedade civilizada devem ser considerados e avaliados dentro da configuração a que pertencem Ex: A prática da antropofagia entre antigos aborígenes Tupis que ocupavam o litoral do Brasil. Deve-se considerar que há modos de vida bons para um grupo e que jamais serviriam para outros. Os estudos dos grupos humanos vêm demonstrando que embora existam

expressivas diferenças culturais, "outras culturas" não são necessariamente inferiores. Mesmo assim, as sociedades "primitivas" são vistas como pertencentes a um estado inferior de desenvolvimento cultural, sendo consideradas selvagens, bárbaras e de mentalidade atrasada. É uma atitude etnocêntrica condenada pela antropologia, que defende o princípio de que as culturas não são superiores ou inferiores, mas diferentes, com maiores ou menores recursos, com tecnologia mais ou menos desenvolvida.

4. CULTURA RELACIONADA COM O ALCOOLISMO

O alcoolismo, conhecido em quase todas as culturas, é um dos problemas mais prevalentes e, de acordo com Materazzi (1985) e Mansur (1984), é considerado tão antigo quanto o próprio homem.

Sempre houve uma preocupação na verificação se os alcoolistas se constituem em uma população diferenciada ou se diferentes culturas/etnias tornaram ou não determinados grupos em predisponentes ou mais vulneráveis.

Os padrões de consumo de bebidas alcoólicas variam conforme a cultura, o país, o gênero, a faixa etária, as normas sociais vigentes e o subgrupo social considerado. Exemplificando: beber vinho habitualmente às refeições e em quantidades moderadas é um padrão de menor risco comparado à ingestão copiosa de destilados, mesmo este sendo ocasional, em público ou não.

Segundo Esdras Cabus Moreira, médico psiquiatra, “A nossa sociedade tem uma cultura de bebidas alcoólicas que ultrapassa o limite de controle das autoridades de saúde. Por isso, é importante que o consumo doméstico esteja relacionado a rituais. Não só sentar e beber”. De acordo com o médico, também é importante estar bem atento ao histórico familiar da pessoa. “Não que o consumo esteja diretamente relacionado à genética, mas tem uma ligação com os hábitos inseridos na cultura desse jovem e o influenciará na relação com a bebida por toda a vida.”

A fronteira entre o uso e a dependência do álcool passa despercebida da maioria das pessoas. Saber, então, se um indivíduo está bebendo socialmente ou se tornou um alcoólatra fica cada vez mais difícil. Maior problema de saúde pública do planeta, o alcoolismo atinge indiscriminadamente seres de todas as classes sociais. Um dos maiores responsáveis por essa expansão que em 2003 chegou a atingir 14% da população do planeta, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), é o fato da cultura do beber socialmente estar injetada de tal forma no cotidiano do homem, que “porres” e excessos chegam a ser considerados como normais.

Na cidade de Saúde não é diferente, pois o ato de beber socialmente por uma parte da população tem se tornado tão freqüente que as pessoas da cidade não se espantam mais em ver pessoas alcoolizadas nas ruas da cidade em plenos dias úteis.

Há também os indivíduos que bebem costumeiramente aos fins de semana, muitas vezes excedendo na quantidade de bebida, alguns chegam a ter coma alcoólico; quando voltam para casa se negam a reconhecer o problema que esse hábito representa; e, na primeira oportunidade do reencontro com a turma da farra anterior comentam entre risos sobre suas atitudes.

5. DETERMINAÇÃO SÓCIO CULTURAL

Existem muitas evidências de que normas culturais em relação ao consumo de álcool têm um papel importante no desenvolvimento do alcoolismo. Culturas que ensinam as crianças a beber responsabilmente, bem como as culturas que seguem rituais estabelecidos, de onde, como e quando beber têm menores taxas de uso abusivo de álcool quando comparadas á culturas que simplesmente proíbem as crianças de beber.

Talvez o exemplo mais claro – sem dúvida o mais citado – da influência das normas culturais seja o que ocorre entre os judeus, onde apesar de o álcool ser bastante consumido (o número de abstêmios é baixo), tanto a embriaguez como o alcoolismo são menos freqüentes; várias hipóteses têm sido formuladas para explicar esta relação específica cultural com o álcool. Já foi sugerido que o fato de beber estar intimamente relacionado às cerimônias e rituais religiosos, o que agiria no sentido de inculcar nos mais ortodoxos uma atitude eminentemente ritual frente ao ato de beber. Ou seja, o ato de beber é essencialmente simbólico, afastando a possibilidade do beber com a finalidade de fuga, de tensões ou de problemas, o que é justamente encorajado por outras culturas.

No que diz respeito ao menor número de alcoólatras entre as mulheres, as explicações a nível cultural são as mais comuns. No Canadá e nos Estados Unidos a proporção estimada de alcoólatras é de 6 homens para uma mulher (estatística maior, recente, mostra que a relação entre o número de homens alcoólatras vem diminuindo). Tem sido sugerido que esta diferença é o reflexo de um duplo padrão moral imposto pela sociedade. A embriaguez é menos aceitável para a mulher, representando uma quebra de estereótipos, do tipo “comportamento feminino”, enquanto que para os homens pode ser até considerado como prova de masculinidade. Em síntese, o exemplo do que ocorre entre judeus e mulheres, mostram a importância que normas culturais podem ter no sentido de determinar a relação com o álcool, diminuindo a probabilidade de alcoolismo.

Baseado no que foi exposto acima, conclui-se que não existe uma explicação universal – seja ela biológica, psicológica ou social – sobre a causa do alcoolismo. Na

gênese desta complexa condição estão diferentes fatores de vulnerabilidade. Todos os que bebem têm potencialmente possibilidade de se tornarem alcoólatras. A maior ou menor probabilidade vai depender da interação entre os diferentes fatores de vulnerabilidade.

6. ALCOOLISMO

O álcool é uma das drogas mais comuns e de uso legalizado, além de incentivado, divulgado e banalizado por propagandas de jornais, revistas e televisão, presentes por todas as partes. Ainda que menos perigosa do que as outras drogas no que diz respeito aos seus efeitos imediatos, pode também conduzir à dependência e, em grandes doses, causar a morte do indivíduo.

O álcool que compõe bebidas como a cerveja, o vinho, o uísque, a vodca e o álcool etílico, um composto de hidrogênio, carbono e oxigênio, resultado da fermentação (fermentação alcoólica) de produtos vegetais, como a cevada, a uva, a batata e a cana-de-açúcar, apesar de ser considerada popularmente como estimulante, produz inibição dos centros de controle do sistema nervoso central, ou seja, modifica os reflexos, retardando-os e levando a um estado de excitação, o “ficar bêbado”, ocasionado pelo descontrole das atividades do sistema nervoso.

Beber ocasionalmente, aproveitar “uma cervejinha com os amigos”, ou mesmo “aquecer a noite”, pode levar ao consumo excessivo ou diário do álcool, o que causa dependência, levando ao alcoolismo.

O alcoolismo é uma doença. Na verdade, é uma doença crônica, reconhecida inclusive pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Hoje, alguns especialistas e médicos acreditam também que a doença pode ser transmitida geneticamente, havendo assim maior possibilidade de filhos de pais alcoólatras desenvolverem a doença.

O fato de o álcool ter seu consumo legalizado e banalizado pelo seu uso freqüente em nossa sociedade, principalmente em ocasião de celebração, em nada diminui o aspecto de ser uma droga consideravelmente perigosa. Além disso, ao inibir a percepção do indivíduo, abre caminho também para o consumo de outras drogas mais perigosas.

A dependência é iniciada quando acaba o controle sobre o “consumo social” da bebida e o organismo acaba sentindo a sua necessidade. Do querer “ficar alegre”, de ver na bebida uma única saída para o relacionamento, para o divertimento, para sentir-se bem. Sabe-se que o número de dependentes do álcool cresce anualmente,

principalmente entre jovens. Contribuem muito para isso fatores como grande oferta no mercado, legalidade sem qualquer educação preventiva, preço mais acessível e falta de lazer oferecido a toda sociedade. O alcoolismo é constituído um grave problema de saúde pública, sendo que cerca de 10% da população brasileira enfrenta sérios problemas relacionados com o uso excessivo do álcool, isto é, são dependentes desta substância psicoativa (Laranjeira & Pinsky, 1997). O álcool é uma das drogas mais utilizadas no país chegando a ser consumida por mais de 70% dos adultos. Além disso, é o principal responsável pelos acidentes de maior gravidade e pelas mortes mais violentas (Ferreira & Laranjeira 1997).

Na esfera biológica, fatores hereditários e predisposição ambiental são frequentemente mencionados como uma das possíveis explicações para o consumo e dependência do álcool. Cloninger (1987) em seu trabalho com gêmeos, utilizando o método dos filhos adotivos, concluiu que o alcoolismo, em alguns casos, se deve à herdabilidade gênica e, em outros, à predisposição ambiental. Desta forma, dependendo do lugar que o indivíduo ocupa numa determinada cultura, bem como dependendo das características do ambiente vivido na infância, ele poderá ou não, desenvolver o alcoolismo em sua personalidade, conforme acrescenta Vaillant.

Muitos autores apontam que as influências ambientais constituem um fator preponderante para a instalação de futuros e ou precoces alcoólatras, conforme verificam Araújo (1995), Braga (1997), Jorge e Ferraz (1981), Silva e Cursino (1995) e Sonenreich (1971). Como principais influências do ambiente, destacam as pressões dos amigos, bem como indução do meio familiar, principalmente por parte do pai na infância do indivíduo ao oferecer alguns goles com o intuito de induzi-lo a "hábitos mais masculinos".

6.1 Mecanismos de Defesa

As quatro fases do alcoolismo apresentam determinados sintomas semelhantes: são os mecanismos de defesa, decorrentes do preconceito em relação ao alcoólatra ou dependente químico, que ele usa para tentar encobrir o aspecto doentio da própria vida, tais como:

Negação – (o mais comum). “Não sou alcoólatra, sou compulsivo. Nunca fiquei bêbado. Não tenho problema em decorrência da bebida. Bebo muito pouco.

Justificativa – “Bebo porque gosto, paro na hora que eu quiser. Bebo para relaxar. Bebo para comemorar. Bebo para esquecer. Bebo para ouvir música. Bebo devido a problemas emocionais, Bebo para me divertir.”

Projeção – (Todos os sentimentos e a própria vida são vistos apenas nos outros). “O outro é quem bebe muito: o vizinho que é alcoólatra, coitado!”

Minimização – “Só bebo vinho. Só bebo no final de semana. Só bebo à noite; todo mundo bebe. Não bebo pinga” (Tenta minimizar os prejuízos).

Auto-piedade – “O mundo não me entende. Nada dá certo para mim.” (Faz com que as pessoas sintam piedade).

Intelectualização – Encontram justificativas científicas. “Beber faz bem ao coração”.

Racionalização – (raciocina errado) “Se eu beber só vinho vai estar tudo bem. Se eu parar por um tempo vai ficar tudo bem.”

Fuga geográfica – Muda-se de cidade, de emprego.

Mecanismos de defesa fazem parte da personalidade de todos os seres humanos.

[...] “Deste modo, o álcool funcionaria como um mecanismo de fuga do indivíduo, devido ao seu sentimento de inadequação, encoberto por ideais de grandeza, certo perfeccionismo e exibicionismo, apresentados face à sua auto imagem negativa”. (Kolck 1991 p. 21).

Os mecanismos usados para o uso do álcool estão associados à necessidade de esquecimento de frustrações do passado, como perdas significativas de pessoas da família, separação ou infidelidade conjugal e a necessidade de encorajamento

para vencer a timidez; também por não suportar sua condição frente a sociedade como pobreza e exclusão social.

7. HISTÓRICO DA CIDADE DE SAÚDE

Saúde, cidade do interior baiano, localizada ao norte do estado, a 350 km da capital, com aproximadamente 435 km², e uma população de 11.488 habitantes sendo que 52,2% da população reside na zona urbana, enquanto 47,8% vive na zona rural. Segundo os pesquisadores foram os índios Paiaíás os primeiros habitantes do município. O município da freguesia de Nossa Senhora da Saúde da Jacobina desmembrado de Jacobina pela Lei Estadual de 06/07/1914 com a denominação de Saúde. Foi extinto e anexado a Jacobina em 1931 e restaurado com o primitivo território pelo Decreto Estadual de 01/06/1933. A sede, criada freguesia com a invocação de Nossa Senhora da Saúde da Jacobina pela Lei Provincial de 01/06/1938, foi elevada à condição de cidade pelo Decreto Estadual de 30/06/1938. Faz limite ao norte, com o rio Itapicuru-Açu, onde faz divisa com o município de Pindobaçu; a leste com o município de Ponto Novo e Caldeirão Grande; a oeste com o município de Mirangaba; e ao sul com o município de Caém.

O meio físico do município se caracteriza pela presença de dois ambientes fisiográficos bastante diferenciados. De um lado tem-se a região montanhosa de Jacobina, que ocupa toda a parte oeste do município, caracterizada pelo relevo acidentado com os maiores índices pluviométricos, e pela presença de vegetação de maior parte da floresta estacional. Nas partes central e leste, predomina um relevo plano, suave e ondulado sob domínio do clima semi-árido e caracterizado pela presença de vegetação típica da caatinga. O sistema hidrográfico de Saúde está constituído pelo rio Itapicuru-Açu que margeia todo o limite norte do município, estendendo-se até o limite norte da barragem de Ponto Novo e pelos seus afluentes rio Paiaíá e das Pedras que nascem no próprio município. Devido ao relevo mais acidentado, nos cursos d'água mais importantes existem várias cachoeiras que emprestam à paisagem uma beleza ímpar. São alguns exemplos: cachoeira do Paiaíá, Paulista, Gelo e outras.

A economia do município está baseada na produção agropecuária. Sobressaem-se entre culturas temporárias, o feijão, a mandioca, o milho, a cana-de-açúcar, a mamona, o tomate e a melancia. Entre as culturas permanentes destacam-

se a banana e a manga. Do ponto de vista cultural, o município de Saúde tem manifestações organizadas de festas populares e folclóricas em três períodos durante o ano: reisado no mês de janeiro, festas juninas e festa da padroeira Nossa Senhora da Saúde, no mês de setembro. Na sede da cidade tem duas emissoras de rádio: Rádio Paiaíá e a Rádio Comunitária, as duas emissoras são FM. Apesar de ter um excelente clima, lindas cachoeiras e um povo acolhedor, hoje é motivo de preocupação, pois talvez a falta de opção para o lazer, a cultura e o esporte, tudo o que aqui acontece no sentido de festividade e diversões geralmente leva ao uso, muitas vezes excessivo, do álcool. Na cidade temos mais de duzentos bares, o que representa cerca de quinze por cento dos domicílios e uma média de cinquenta e sete habitantes por bar.

O que observamos através das visitas em bairros e bares é que por falta de motivações para outros divertimentos, como teatro, passeios ecológicos ou clubes, que ofereçam alguns movimentos culturais para que os adolescentes, jovens e adultos possam freqüentar, participando de algum tipo de esporte, jogo, recreação ou qualquer outro tipo de lazer, eles vêem como única saída para o entretenimento freqüentar os inúmeros bares existentes, tanto na cidade quanto na zona rural.

As festas tradicionais da cidade de Saúde também oferecem opções de lazer que favorecem o consumo excessivo do álcool. O município de Saúde conhecido também na região por suas festas tradicionais, como o São João, por exemplo, festa que ao longo dos anos vem se modificando, mas mesmo assim, traz para a cidade centenas de pessoas, faz com que nesta época a alegria desse pequeno espaço aumente. Nesse período, praças são enfeitadas; nas ruas fincam-se árvores ornamentadas com flechas de cana-de-açúcar e aos seus galhos são amarradas frutas e garrafas de bebidas. Muitas pessoas ainda fazem a tradicional fogueira na porta de casa e fincam galhos de árvore enfeitado, dentre os enfeites são amarrados alguns prêmios inclusive um litro de licor de jenipapo ou uma garrafa de cachaça. Enquanto a fogueira vai queimando, algumas pessoas ficam aguardando a árvore cair com os prêmios para que elas avancem e os peguem. Geralmente há uma disputa para ver quem vai conseguir pegar a garrafa ou o litro de bebida. Todo ano há concurso de quadrilhas, pau de fita, jogos, shows com cantores regionais, casamento matuto e

outros, “barraquinhas” vendendo vários produtos típicos da região, *licores ao bom sabor, sem conta* (Almeida, 1998, p.57). Também vende-se outros tipos de bebidas alcoólicas, como cerveja, uísque, cachaça, vinho, etc. Ao som da banda, todos dançam e bebem, alguns sem limite armando brigas e sendo conduzidos para a delegacia local, outros, porém, bebem até cair em sono profundo nos bancos do jardim, calçadas e até mesmo sob o palco.

É natural encontrar pessoas alcoolizadas nas ruas da cidade todos os dias durante o período do São João, assim como nos dias em que não há nenhuma festividade, tanto que existe uma rua conhecida pelos usuários e toda a comunidade como a “Passarela do álcool.”

Na zona rural não é diferente. Lá também tudo é motivo para comemoração regada com bebida. Do plantio à colheita, nas casas de farinha, em batizados ou casamentos e até mesmo em funeral. Aos sábados, que é dia de feira na sede do município, as pessoas da zona rural se deslocam para fazer suas feiras. Aproveitam, pois, para beber na cidade. Alguns só chegam em casa guiados pelo animal que já conhece o caminho de volta.

Fabriciano Maia, lavrador e criador de gado, como era de costume aos sábados, montado em seu melhor cavalo, vinha à sede do município para a feira semanal, para tratar de negócios de compra e venda e outros assuntos de seu interesse. Retornava à fazenda no mesmo dia às onze horas da noite depois das conversas e do aperitivo com os amigos. (PEREIRA, 2004, p. 210).

Alguns proprietários de roças e fazendas que moram na cidade aproveitam o final de semana para descansar e fazer uma “farrinha” em suas propriedades rurais com os amigos. É aquela bebedeira acompanhada de churrasco. Outros aproveitam para beber nos bares existentes nas localidades rurais.

Na zona rural as manifestações culturais também estão presentes e sempre que podem são exibidas para as pessoas que residem na cidade, principalmente o samba de roda, onde homens e mulheres cantam, tocam e dançam equilibrando uma garrafa de bebida na cabeça. E tudo isso é regado com muita bebida e comida.

No dia 08 de setembro é celebrada a maior festa religiosa da paróquia: a festa da padroeira Nossa Senhora da Saúde. Precede a esta festa uma novena muito bem preparada pelas equipes missionárias; logo após cada noite de novena é improvisada uma feira-chique com barracas de doces, refrigerantes, salgados, cerveja e licor de jenipapo, que é o licor típico do município.

No dia da festa, 08 de setembro, há uma missa festiva na frente da igreja, com procissões e encontro de várias imagens pertencentes às comunidades que fazem parte desta paróquia. Logo após a celebração, é feito o último leilão em benefício da igreja e outras instituições. Entre o intervalo do leilão e a procissão com as imagens para o retorno das suas comunidades de origem, as pessoas se dispersam. Algumas vão para casa de parentes ou amigos, outras procuram as barracas, bares e lanchonetes para lancha, onde acabam tomando cerveja e até mesmo bebidas mais fortes.

O retorno das imagens para suas localidades geralmente é marcado para as quinze horas. É neste momento que se observa que algumas pessoas não voltam para acompanhar a procissão com as imagens, umas porque ficam em suas casas e outras por ficarem entretidas em bares bebendo. Os que não estão muito alcoolizados ainda conseguem acompanhar a procissão e voltar para suas casas. Porém, os que se distraem demais no entretenimento com a bebida acabam por ficar na farra e dormem nas casas de parentes ou amigos, voltando para casa somente no dia seguinte.

Tomando como exemplo os relatos a seguir do livro de Raimundo Morais Pereira, *Memórias na Varanda*, podemos notar na vida de Diva Barbosa dos Santos, "Copo Cheio", e Edvaldo dos Santos, "Pinta", que o alcoolismo sempre esteve presente no município de Saúde e esse fato está sempre ligado à cultura desta Cidade:

Copo Cheio – Diva Barbosa dos Santos era conhecida como "Copo Cheio". Alcoólatra inveterada, só bebia um copo cheio de cada vez. Estudou e concluiu o curso ginásial e era enfermeira prática. No dia dezesseis de abril de 1988, faleceu às duas horas da manhã, acometida de fraqueza generalizada, corroída pelo álcool e ainda pelos maus tratos que ela mesma se fazia. (PEREIRA, 2004, p.96)

Adeus a “Pinta” – Dia bonito, sol franco e quente. Na igreja três religiosos oravam e entoavam o hino: “Segura na mão de Deus e vai...” Sobre quatro cadeiras em frente do altar-mor estava o caixão mortuário onde jazia Edvaldo dos Santos, vulgo “Pinta”. No recinto da igreja, pouco mais de vinte pessoas que acompanhariam o caixão que conduziria “Pinta”. Eram todos eles seus companheiros de farra, alcoólatras inveterados.

“Pinta”, negro, pobre e sem emprego, vivia na dependência de sua viúva. Há mais de vinte anos bebia sem parar, bebia muito. Os médicos lhe proibiam a bebida alcoólica, mas era tudo em vão.

“Pinta” não parava de beber, era escravo da bebida. Na igreja, seus companheiros e amigos choravam ao ouvirem os hinos e as preces. Choravam copiosamente, não eram amigos políticos, eram amigos e colegas de infortúnio, alcoólatras como ele, quase todos da mesma forma intoxicados pelo álcool e sem esperança de uma vida normal. O grupo de viciados acompanhou, até o cemitério, o caixão que conduzia “Pinta”, todos eles visivelmente embriagados e chorando. Não era possível avaliar se choravam com saudade de “Pinta” ou se choravam temerosos de suas próprias condições de alcoólatras.

No trajeto da igreja até o cemitério ouviam-se choro, murmúrios e lamentações, enquanto lentamente “andava” o caixão, conduzido pelos amigos do morto. Acompanhavam o féretro, Ozaná, Paulo de Zazá, Paulo Inxadinho, Nazário, Rogério de Zuza, Almeida Chupa Pedra, Mulumba, Negão de Artur, Carlito de Isaias, Nivaldo Pereira, Cipa, Guilé, Manoel Alexandre, Daniel de Zé Padeiro, Nivaldo de Isaias, Tata, Zé de Lino, Louro, Zé Antonio e outros.

No cemitério, enquanto descia à sepultura o caixão com o corpo de “Pinta”, todos choravam lamentando a separação para sempre de um companheiro de farra. Na noite desse mesmo dia, estavam quase todos eles novamente embriagados. Venderam o relógio de “Pinta” e beberam o dinheiro de cachaça.

Este fato nos remete ao livro de Jorge Amado, *A Morte e a Morte de Quincas*

Berro D'água:

[...] Continua o velório e os quatro amigos em voz baixa disputam o amor da amante de Quincas, a Quitéria do olho arregalado. Agora era turno do irmão de Quincas, o Eduardo, que iria passar a noite, mas decide deixar o irmão com os amigos e descansar um pouco. Aí os amigos eram os verdadeiros donos do defunto. Organizaram um velório descente, com cachaça e salame. Tentaram rezar, começaram a beber e dar bebida ao defunto que sorria e devolvia um pouco da cachaça, lambuzando o paletó. Os amigos tiraram as roupas artificiais de Quincas e o defunto ficou deles. Levaram cada um uma peça para se, pois defunto na precisa dessas coisas. E saíram agora com o defunto vivo para a peixada no saveiro: “Curió e Pé-de-Vento saíram na frente. Quincas, satisfeito da vida num passo de dança, ia entre Negro Pastinha e Cabo Martim de braço dado” (AMADO, 1959, p. 84-87).

Edvaldo dos Santos, vulgo “Pinta” faleceu às 18 horas do dia 11 de outubro de 1982, aos 38 anos de idade, devido a distúrbios circulatórios e insuficiência pulmonar. Foi sepultado às dez horas do dia seguinte.

Sua mãe, Ana Maria dos Santos, ficou inconsolável.

Adeus “Pinta”!

Dos companheiros de “Pinta” acima citados faremos um breve relato sobre a vida de alguns deles e os malefícios que o álcool lhes causou. (PEREIRA, 2004, p.107-108).

Ozaná – Um excelente professor de geografia, conhecido em todo município e em algumas cidades da região por sua inteligência e dedicação ao seu trabalho, não percebeu que apesar de ter uma bela carreira e um futuro promissor teve sua vida interrompida ainda muito jovem, por conta do uso exagerado do álcool.

Antônio Mulumba – Era um jovem de boa aparência, filho de família tradicional pelo envolvimento com a cultura da cidade, pois a mesma era responsável pelo carnaval de rua até final da década de setenta. Hoje se encontra mutilado em uma cadeira de rodas por consequência do álcool. Sua esposa e filhos também são consumidores de álcool.

Cipa – Homem trabalhador, tocava cavaquinho e animava as festas populares da cidade, também teve sua vida tragada pela morte por ser um consumidor ativo do álcool.

Paulo Inxadinho – Um simpático rapaz, era assim apelidado pelo fato de ter o rosto inchado por ser um fiel consumidor da cachaça destilada, que na época “eles” chamavam “surrapa”.

Depois de muito sofrimento causado pelo vício do álcool, Inchadinho, conseguiu se libertar da bebida e hoje recuperou sua dignidade levando uma vida normal com sua família.

8. A INSERÇÃO DO ÁLCOOL NA CULTURA DA CIDADE DE SAÚDE

Com o propósito de conhecer efetivamente as causas que levaram e ainda levam o indivíduo da cidade de Saúde ao consumo exagerado do álcool, os aspectos culturais, sociais que influenciaram neste tipo de comportamento, fez-se necessário uma pesquisa de campo segundo os princípios do etnógrafo alemão Franz Boas.

Segundo Boas, no campo tudo deve ser anotado (...) detalhadamente, e no detalhe do detalhe.

Procurando compreender as causas do alcoolismo na Cidade de Saúde e a relação que existe entre este vício e a cultura da cidade; foram consultados os livros escritos pelos autores da terra, visitados os espaços culturais, observadas as festas populares, dando enfoque maior às festas juninas e festa da padroeira, entrevistados os donos de bares e coletados depoimentos de consumidores, ex-consumidores e familiares dos mesmos. Com isso, procuramos conhecer a realidade desses indivíduos dentro do contexto cultural, social e em sua individualidade.

Geralmente o usuário de bebida alcoólica rompe o relacionamento familiar por se achar inferior aos demais membros da família ou por achar-se injustiçado e incompreendido. A convivência com a esposa e filhos também se torna difícil e até impossível por causa dos conflitos provocados entre os mesmos.

De acordo com os depoimentos dados, vimos que o início do consumo do álcool ocorreu muito cedo. Alguns deles nos contaram que iniciaram a beber por volta dos doze anos; outros, por volta dos quinze aos dezesseis; todos começaram a ingestão de bebida no ambiente familiar, por influência principalmente do pai, ou na roda dos amigos, conforme as falas a seguir:

Entrevistado 1: “Eu comecei a beber com doze anos de idade. Via meus amigos bebendo e tinha curiosidade e inveja dos meus amigos. Um dia, eles me ofereceram e eu aceitei, aí nunca mais parei”.

Entrevistado 2: “Eu comecei a beber com 15 anos. Via meu pai e meus tios bebendo, aí eu quis beber também”.

Entrevistado 3: “Eu comecei a beber com treze anos de idade, escondido do meu pai e até hoje bebo. Tenho setenta e dois anos. Eu via os homens bebendo, porque eu era menino mas já trabalhava junto com os homens adultos para ajudar meu pai, e, muitas vezes nos adjutório (hoje chamado de mutirão) eu via os homens bebendo com um gosto muito grande e ficava na vontade. Um dia, pedi e tomei minha primeira bicada, gostei, aí pronto, nunca mais parei. Aliás, graças ao meu bom Deus já tem mais de três *meses* que nunca mais *trisquei* em bebida nenhuma.” (este depoente, segundo informações da família, ainda bebe muito. Pára de vez em quando através de remédio que a família lhe dá escondido, mas quando falta o remédio ele volta a beber, chegando a cair na rua e se machucar). (sic)

Entrevistado 4: “Eu só bebo fim de semana. Só tomo uma cachacinha de vez em quando, mas minha cervejinha é sagrada. Eu gosto de beber”. (sic)

Entrevistado 5: “Saúde é um lugar bonito. Eu amo esta terra e quando estou longe daqui fico morrendo de saudade e pensando em chegar logo o dia de voltar para cá, para além de matar a saudade de todos sentar com a galera para beber.”

Entrevistado 6: “Hoje eu bebi, bebi, bebi e não parei ainda. Mas tô *sãzinha*, e eu nem queria beber, mas a colega chegou aqui com um copo cheio de 51. Ave Maria! foi uma delícia! Aí terminou e eu comprei outro copo *cheinho*, depois começamos a beber cerveja. Ela saiu daqui neste instante e eu vou terminar “esta” aqui para ir embora tomar meu banho, jantar e dormir; porque amanhã é um outro dia e eu quero começar tudo de novo.” (sic)

Entrevistado 7: “Saúde é festa. Viver aqui é uma maravilha e estando com uma turma boa pra beber é melhor ainda.”

Entrevistado 8 : “Eu não preciso de motivo para beber. Basta me dar vontade. Se eu estiver a fim, ninguém me empata.”

Os ex-usuários nos contaram que passaram por momentos difíceis quando perceberam que haviam se tornado dependentes químicos, tornando-se escravos do álcool. A partir daí começaram a corrida contra o mal que tanto lhes afetava, pois já se sentiam discriminados pela sociedade e rejeitados pela família.

Hoje têm plena consciência do sofrimento que passaram, fizeram suas famílias passarem e acham que um dos maiores benefícios que alcançaram foi voltar a conviver bem na sociedade, recuperando suas auto-estimas, conseguindo de volta seus empregos, sendo valorizados pela comunidade, respeitados por todos e também terem restabelecido a convivência com suas famílias, deixando de preocuparem seus pais. Alguns disseram que a religião foi o ponto de partida para o abandono do álcool, e, todos são unânimes a dizer: “hoje somos felizes, pois estamos trabalhando e sustentando nossa família.”

Por se tratar de uma cultura trazida pelos desbravadores desta terra e pelos donos de engenho, todos achavam bonito o consumo excessivo do álcool. Além disso, existem outros fatores que podem ter levado essas pessoas se tornarem alcoólatras: fatores biológicos, psicológicos ou culturais.

Entrevistado 9: “Bebia para comemorar meu aniversário, em festa de final de ano, São João, nascimento dos meus filhos, o vinho da semana santa e outras coisas mais.”

Entrevistado 10: “Qualquer coisa era motivo para eu beber. Na verdade, não precisava uma comemoração específica”

Um dos entrevistados descreveu cenas de horror vividas dentro da sua própria casa com os seus dezenove filhos e netos, além de sobrinhos envolvidos no mundo do alcoolismo. Com lágrimas nos olhos, restabelecido dos traumas que o alcoolismo deixou, desde distúrbio áudio-visual, prisões e até óbitos, hoje o entrevistado fala da felicidade por ter alguns dos seus familiares libertos da dependência química.

Entrevistado 11: “Foi muito difícil, a gente só sossegava quando eles chegavam em casa. E mesmo assim eles ainda se alteravam quando nós (pais) falávamos alguma coisa.”

Entrevistado 12: Meu Deus! Era muito sofrimento. Meu cunhado procurava confusão na rua, em casa, era uma tortura psicológica. Ele ameaçava a família, xingava, falava palavrões e, muitas vezes ainda tirava o sossego da gente quando tudo estava mais calmo, pois quando menos esperávamos a polícia chegava para leva-lo preso. Aí era aquele horror! (sic)

Entrevistado 13: Hoje tô feliz! Mais já sofri muito por causa da bebida, “porque” tive dezessete filhos, um deles foi espancado na rua e morreu quando chegou no hospital, só “porque” estava bêbado. Era um filho tão bom! Já sofri também com briga dos “meus filho”, na rua, a mesma coisa já aconteceu com meus neto. Mais agora melhorou, “porque” alguns deixaram a bebedeira. (sic)

De acordo com entrevista feita com os donos de bares, depois de ter feito pesquisa nos órgãos competentes e percebido que o número de estabelecimentos desta espécie é muito grande para uma cidade tão pequena, chegamos à conclusão de que, a situação sócio-econômica, política e cultural da cidade de Saúde, faz com que muitas pessoas sobrevivam da venda de bebida alcoólica desde muito tempo atrás; e esse meio de sobrevivência é bastante procurado pelo fato da conveniência de abrir este tipo de comércio, porque é prático, não tem nenhuma burocracia, (a não ser o Alvará que é pago na prefeitura). O retorno do capital investido é imediato. Percebemos que a maioria gosta muito do que faz, não sente o menor constrangimento em vender bebida alcoólica, nem mesmo para jovens, ou idosos com mais de 70 anos. Quando lhes questionamos sobre seu lazer, os aborrecimentos ou alegrias que sentem no dia-a-dia do trabalho e o que os levou a trabalhar nesse ofício, ou ainda se sentem algum constrangimento em sobreviver vendendo uma droga que faz com que tantas pessoas fiquem viciadas, trazendo preocupação para a família e muitas vezes

chegando até a perder seu lugar na sociedade, tornando-se marginalizados pelo uso excessivo da bebida, eis o que alguns nos responderam:

Entrevistado 14: “Isso aqui é minha vida. Não saio daqui hora nenhuma. Meu trabalho só me traz alegria. Eu gosto muito do que faço. Isso é meu lazer, minha obrigação, é tudo pra mim.”

Entrevistado 15: “Os aborrecimentos são até divertidos, porque tudo é muito bom aqui, tomo conta de tudo sozinha e não preciso de ninguém para me ajudar por causa dos bêbados.”

Entrevistado 16: “Se a pessoa que está bebendo está feliz, eu, mais ainda. Eu não me sinto mal com isso”.

Entrevistado 17: “Não vendo para menores. Todos que pedem uma bebida é porque estão a fim de beber. Então eu sirvo a bebida satisfeito. Não tenho porque reclamar com quem quer beber. Acho bom que a pessoa beba. Agora não vendo cachaça. Só vendo cerveja e refrigerante. Cachaça chama muita coisa ruim e eu não gosto disso”.

Entrevistado 18: “Eu estava sem emprego e resolvi botar um bar. Estou bem aqui. Não sinto nenhum constrangimento em vender bebida pra ninguém. Dia de sábado aqui, o que mais se vê é velho bebendo cachaça. Eles antes de fazer a feira, primeiro passam para tomar sua dose de cachaça. Depois que eles fazem a feira, aí é que os bares ficam cheios, e é todo mundo, mulher, jovem, velho... todos gostam muito de beber. E eu gosto de servir não tenho de que reclamar, quer dizer, fico um pouco chateada quando as pessoas que se dizem minhas amigas, pessoas que a gente conhece desde pequena, querem passar a perna na gente. Pedem a bebida, bebem, bebem e depois não querem pagar. Aí é chato, muito chato.” (sic)

Entrevistado 19: “Eu estava desempregada. Eu tinha uma lojinha de roupa, mas fali. Aí eu comecei com bar. Aqui eu vendo comida. Mas tem que ter a bebida também.

Não tenho nenhum constrangimento em vender bebida alcoólica. Quem bebe, sabe o que está fazendo porque está bebendo e tem responsabilidade para assumir seus atos. Não ligo pra isso. O que às vezes me deixa assim é quando eles ultrapassam o horário. Às vezes eles ficam até 3 horas da manhã e eu tenho que ficar de cara alegre, mesmo que eu esteja com sono. Mas isso não me aborrece”. (sic)

Entrevistado 20: “A bebida tem me ajudado muito. Eu estava desempregado, também já com a idade avançada pra arranjar outra “coisa” (emprego). Comecei com bar e até hoje não tenho o que dizer. O bar me prende um pouco. Tenho que estar aqui até o final de semana, mas tudo bem, quem entra na chuva é pra se molhar. Eu gosto muito do que faço”. (sic)

Entrevistado 21: “Eu amo trabalhar em bar. Já faz muito tempo que eu trabalho com isso e nem penso em mudar de trabalho. Isso aqui é bom demais! Aqui a gente faz amigos, conhece gente de muitos lugares. Tem gente que não suporta bar, mas eu adoro! Não me sinto mal em vender bebida para ninguém. Quem bebe, bebe porque quer beber.” (sic)

Entrevistado 22: “Eu trabalho aqui, mas não sou o dono do bar. Mas em toda minha vida de adulto sempre trabalhei com o mesmo patrão. Antes era na bomba de gasolina, depois comecei a beber, perdi meu emprego e fiquei desorientado. Só bebendo, passando vergonha na rua, sem ter dinheiro para honrar meus compromissos, passei um tempão desempregado e só na rua bebendo cachaça. Depois Deus me ajudou que eu consegui parar de beber. Aí meu patrão viu que eu merecia trabalhar e me chamou para trabalhar aqui no bar do posto. Eu gosto de trabalhar aqui. Mas se eu pudesse escolher e ter o meu próprio comércio, acho que eu queria negociar com outro tipo de mercadoria que não fosse bebida alcoólica. Às vezes isso é chato.” (sic)

A maioria dos donos de bares entrevistados chegou a dizer que ama trabalhar no bar e que não se imagina trabalhando em outro ofício. Todos os entrevistados iniciaram seu trabalho com bar por necessidade, pois estavam desempregados há muito tempo e

não tinham nenhuma perspectiva de emprego, por causa do nível de escolaridade, que é baixo, e outros que por causa da idade, já não tinham esperança de conquistar um outro tipo de trabalho. Foram poucos os que demonstraram interesse em mudar de "ramo" e mesmo assim se conseguissem mudar, gostariam de trabalhar no comércio com um outro tipo de mercadoria, como carro, alimento e roupa. Apenas uma pessoa demonstrou interesse em mudar radicalmente e assumir sua profissão, que é técnica em enfermagem, mas ela também disse gostar muito de trabalhar em bar, principalmente por estar em contato direto com as pessoas.

Diante de tudo que ouvimos das pessoas entrevistadas, constatamos que o alcoolismo na cidade de Saúde está relacionado com a cultura local, pois todo e qualquer evento na cidade é motivo para comemorar bebendo.

9. RELATÓRIO ADQUIRIDO JUNTO À SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

Tomamos conhecimento que a quantidade de óbitos envolvendo etilistas é preocupante. Durante décadas, o alcoolismo tem atingido jovens e adultos da nossa comunidade, independente de classe social ou raça. Com dados estimados em cerca de 3 a 5% dos óbitos são de origem alcoólica, acontecendo com maior frequência nas festas e nos finais de semana onde a incidência do álcool está mais presente, além dos alcoólatras inveterados quando os mesmos adquirem doenças conhecidas no grupo dos etilistas como, por exemplo: cirrose hepática, tuberculose, esterilidade, distúrbio áudio visual, entre outras.

“Não temos maiores informações em virtude de não sermos uma unidade especializada como centro de referência para tratamento de alcoólatras, os nossos profissionais não têm a preocupação em definir a causa morte dos pacientes nestas circunstâncias”. Para maior informação e estudo mais apurado da questão, é necessário uma visita ao centro especializado em álcool e drogas na Cidade de Jacobina, denominado de CAPS AD (Centro de Atendimento a Pacientes de Dependência Química) (álcool e drogas).

De acordo com o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (ACS)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento feito sobre o alcoolismo relacionado à cultura da cidade de Saúde nos mostrou que, embora o álcool seja uma *droga*, está inserido em sua cultura há muito tempo, pelo fato de ser uma droga legalizada, de baixo custo e de fácil acesso. Por ser atrativa, ela está sempre presente nas mais variadas formas de entretenimento e por conta da própria história da cidade.

O estudo que ora encerramos nos possibilitou ampliar a visão em torno de um tema muito complexo, como é o alcoolismo ligado à cultura da cidade de Saúde, porque, embora várias pessoas se preocupem com esta questão, ainda existem as muitas que defendem o uso do álcool em toda e qualquer situação, os que sobrevivem da venda desse produto e a mentalidade constituída ao longo do tempo, que só será mudada se realmente houver uma preocupação maior dos governantes do nosso município com políticas públicas que favoreçam o bem estar de toda a comunidade no sentido de haver uma conscientização coletiva em relação ao uso excessivo do álcool, talvez até sugerindo a quantidade de álcool que deverá ser utilizada nas festividades, principalmente nas que abrangem maior participação dos jovens.

O consumo exagerado de bebidas alcoólicas na juventude é algo preocupante, de modo que urge a sua inserção nas políticas públicas de prevenção às drogas. É importante também a participação efetiva de cada cidadão e cidadã na busca pelo desempenho do seu papel na formação de multiplicadores de prevenção de drogas.

A escola engloba não só a transmissão de conhecimentos, ela deve informar e educar. Por isso a questão do alcoolismo deve ser abordada e trabalhada dentro de uma realidade ampla da sociedade como se trabalham outros temas.

Por fim, cabe à escola a sua participação como lugar onde possam ser desenvolvidas ações curriculares e extracurriculares que priorizem a formação d educando para uma cidadania ativa e digna, com ênfase nos fatores de proteção e diminuindo os fatores de risco, de modo que esses adolescentes possam vivenciar esta fase do desenvolvimento humano sem a necessidade do uso indevido de drogas.

Nós trabalhamos em escolas que se preocupam com a prevenção do uso de drogas principalmente o álcool onde são promovidas palestras e seminários com especialistas no assunto e com a participação ativa dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Violeta Odete de. Saúde Integral: História de um povo feliz. Bahia. 1998.
- AMADO, Jorge. A Morte e a Morte de Quincas Berro Dáguas. edição 64, editora Record. – Rio de Janeiro, 1991.
- ARAÚJO, L. B. (1995). O uso do álcool como ritual de passagem da adolescência para a idade adulta: Alguns aspectos indicativos para programas de prevenção de abuso do álcool [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Resumos de Comunicação Científicas XXV Reunião Anual de Psicologia (p.41). Ribeirão Preto: SBP.
- BOAS, Franz. Raça linguagem e cultura (1940).
- BRAGA, M.C.(1977). Caracterização de um grupo de alcoólicos na área da mendicância. Dissertação de Mestrado não publicada. Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- BURKE, Peter. O que é história cultural. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro – Jorge Zahar ed. 2005.
- CLONINGER, C. R. (1987). Neurogenetic adaptative mechanisms in alcoholism. *Science*, 136,410-416.
- COTRIN, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: Ser, Saber e Fazer. São Paulo: Saraiva, 1993.
- FERREIRA, M. P. & LARANJEIRA, R. (1998). Dependência de substâncias psicoativas. Em L. Ito & cols. (Orgs.), Terapia cognitivo-comportamental para transtornos psiquiátricos (pp. 105-121). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

FIORI, José Luís. *Resenha por José Luís Fiori – Por uma Outra Globalização – Milton Santos*. Fonte: http://sites.uol.com.br/globalization/Resenha_Fiori.htm

FROST, Everett. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Cultrix, 1996.

JORGE, M. R. & Ferraz, M.P.P. (1981). *A Percepção do Alcoolatra do que o leva ao alcoolismo e à internação*. Boletim de Psiquiatria, 14(3), 132-137.

KOLCK, O.L.V., Tosi, S.M.V.D.& PELEGRINI, T.F.(1991) *Auto-imagem em alcoólicos crônicos*. Temas, 21(42), 374-382.

LARANJEIRA, R. & PINSKY, L.(1997). *O alcoolismo*. São Paulo: Contexto.

MASUR, Jandira. *O Que é Alcoolismo?* Editora Brasiliense, 1987.

MASUR, Jandira – *A questão do alcoolismo*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1984

MATERAZZI, M.A. *Droga dependência*. Ed. Paidós. Buenos Aires, 1985.

MELMAN, C. *Alcoolismo e Toxocomania: Uma Abordagem Psicanalista*.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do e Justo, José Sterza. *Custo Social e de Saúde no Consumo do Álcool*. In:[http:// www.scielo.br/php?pid =51564446200400050003&script=sci- arttext.&tIng=pt](http://www.scielo.br/php?pid=51564446200400050003&script=sci-arttext.&tIng=pt).

OLIVEIRA, Pérsio Santos de – *Introdução à Sociologia*. São Paulo. Ática 2002.

PEREIRA, Raimundo Morais. *Memórias na Varanda. Origens, história e estórias do município de Saúde*. Salvador. Ed. Do Autor. 2004.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COMUNICAÇÃO SOCIAL – PEACS.
Saúde (2000 p. 1-3).

SILVA, R. C. & CURSINO, E.A. (1995). O consumo de bebidas alcoólatras por adolescentes: Dados sobre o consumo e concepções sobre o uso [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.) Resumo de Comunicações Científicas XXV Reunião Anual de Psicologia (p.179) Ribeirão Preto SBP.

SONENREICH, C. (1971). Contribuição para o estudo da etiologia do alcoolismo. São Paulo: Editora do Autor.

VAILLANT, G. E. A história natural do alcoolismo revisitada (B.S.C. Cunha & J. A. L. dos Santos, Trads). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1995)

Anexos



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO – PROESP

ENTREVISTA COM A FAMÍLIA DO USUÁRIO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

1. A princípio seu filho bebia com qual frequência?
2. Com quanto tempo a sua família descobriu que seu filho estava se tornando um alcoólatra?
3. E com o passar do tempo quais as alegações dele para continuar usando bebida alcoólica?
4. A sua família tentou ajudá-lo(a)? Como? Qual foi a reação dele?
5. Por quanto tempo ele(a) utilizou bebida alcoólica?
6. E hoje como ele (a) está?
7. Como foi para a sua família conviver com o problema?
8. Há quanto tempo ele(a) está livre? Qual foi o método usado?

Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Departamento de Ciências Humanas – Campus IV.

Pro-Reitoria de Ensino de Graduação - PROGRAD

Programa de Formação Para Professores do Estado da Bahia – PROESP.

Entrevista com os donos de bares:

- 1- O que te levou a investir nesse tipo de negócio?
- 2- Você tem idéia de quantas pessoas freqüentam por dia o seu bar?
- 3- Você gosta do que faz?
- 4- Durante o tempo que você trabalha com o bar já aconteceu algum fato marcante?
- 5- Como você se sente vendendo bebida alcoólica?
- 6- Que fatos aconteceram em seu bar que lhe deram alegria?
- 7- O que mais lhe aborrece em seu trabalho?
- 8- Quais as vantagens e desvantagens de seu trabalho?
- 9- Você gostaria de mudar o seu ofício?
- 10- Se você resolvesse mudar o que gostaria de fazer?



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO – PROESP

ENTREVISTA COM OS USUÁRIOS DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

1. Com que idade você começou a beber?
2. Como foi seu primeiro contato com a bebida alcoólica?
3. Que fatores levaram você a utilizar a bebida alcoólica?
4. Há outras pessoas que bebem em sua família?
5. Como você consegue a bebida?
6. Você acredita que sua bebida causou algum mal a sua família?
7. Você acha que consegue parar de beber? Por quê?
8. Você tem algum sonho em sua vida que gostaria de realizar? Qual?
9. Como era sua vida antes de você fazer uso constante de bebida alcoólica?
10. Você ainda possui algum tipo de vínculo com alguém de sua família?
11. Você tem intenção de voltar à sua vida normal?